

MESA
23 NOV
11H – 13H

**FAKE NEWS NA RELAÇÃO COM A LITERATURA, COM O CORPO
E COM A HISTÓRIA**

Coordenação: Suzi Sperber

Participantes: Sandra Luna (UFPB), Paula Vermeersch (UNESP-
Presidente Prudente), Odilon Roble (FEF-UNICAMP)

RESUMO I

Suzi Frankl Sperber

Livre-docente e titular
sperbersuzi@hotmail.com
UNICAMP

Em aula inaugural no Colégio de França, Roland Barthes iniciou seu discurso criticando a “inocência” moderna que fala do poder como se ele fosse único. Para Barthes o poder é plural. Como os demônios, o poder é Legião e para entendê-lo seria preciso descobrir sua gênese inscrita na linguagem e expressa na língua. Disse Barthes

A língua, como desempenho de toda linguagem, não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer.

Entendo que Barthes sinalizou que a língua conteria algo como uma pulsão... Que impeliria para o uso e sequência de palavras. Mas a língua em si não tem caráter político, nem filosófico, nem psíquico, nem é um regime. É um potencial, um recurso. Semelhante à criação. Chegamos à legião. Cabe tudo na linguagem e na língua, conforme as orientações sociopolíticas, religiosas, psíquicas, ideológicas. Platão definiu o discurso verdadeiro no diálogo Crátilo: “Verdadeiro é o discurso que diz as coisas como são; falso é aquele que as diz como não são”. O fenômeno vivido pela Inglaterra do Brexit e em mais pelo menos 31 países, sem contar o Brasil, recebeu o nome de fake new por Trump, ao referir-se a notícias que prejudicariam sua eleição. Especializado em dizer como não são as coisas... O caso dos fake news não deverá ser associado à língua e sua pulsão fascista (?). Relaciona-se à perda de relação com a noção de verdade. Sendo que as fake news existem graças às novas mídias (facebook, whatsapp, instagram, congêneres e blogs), e ao fato de as pessoas

fake news e linguagem

não pesquisarem informações. São crédulas e aceitam o que lhes convém, ou o que for mais fácil para suas posições no mundo. E por suspenderem o bom-mocismo. Por conta disto será trabalhado o conceito de willing suspension of disbelief – vinculado à pulsão de ficção... Como explicar um impulso e um desejo de acreditar?

Os fake news estão fundados na emissão de voz, na enunciação. Como antes se acreditava no que estivesse “preto-no-branco”, hoje se acredita em emissão – que seja de ódio, violência, morte. Cujo “valor de verdade” repousa menos na narrativa, do que na figura que a enuncia, que outra narrativa instituiu como o contrário de uma verdade que não se quer aceitar por alguma conveniência. E que argumenta com o falso, o erro, a atribuição de desconhecimento do outro. Com desprezo aos dados, aos registros.

Palavras-chave: “Willing suspension of disbelief”; oralidade; pulsão de ficção; pós-verdade; o “direito ao ódio, violência, morte”.

PARA UMA ARQUEOLOGIA LITERÁRIA DAS FAKE NEWS: O ETHOS DA ASTÚCIA, O DRAMA DO LOGOS E O PAPEL DO POVO EM “NOTÍCIAS FALSAS” PROPAGADAS PELA LITERATURA OCIDENTAL

Sandra Luna

UFPB – Professora – Doutora em Teoria e História Literária
lunasand@uol.com.br

Embora as “Fake News” apresentem-se hoje, sob os auspícios dos avanços cibernéticos, como fenômeno estritamente ligado à tecnologia e às mídias sociais, a forja de “notícias falsas”, o pendor das massas para absorvê-las e disseminá-las, assim como os efeitos de sua propagação estão registrados na tradição literária desde as suas origens. Vale a pena volver os olhos ao passado da nossa cultura e ali vislumbrar nuances distintos do que poderíamos chamar de um ethos da astúcia, estreitamente associado às potencialidades de manipulação do logos. Consequência das potencialidades disjuntivas das relações, desde cedo pressentidas, entre as palavras e as coisas, ou das fartas possibilidades de jogo entre sentido e referência, fato é que não são poucas nem pouco expressivas as tramas que, no universo literário, dependem, para as suas conclusões, da forja e do espalhamento de “notícias falsas”,

simulacros, informações enganosas, distorcidas, mentiras, boatos, rumores, murmúrios, meias-verdades e outras manifestações correlatas. Importante notar que, nas tramas consagradas pelo cânone, esse ethos da astúcia nem sempre se faz apreender como condenável. A depender de suas relações com o pathos, elemento subversivo da poiesis, a empatia pode transmudar vilania em inteligência, sabedoria, esperteza, noções associadas ao “heroísmo” desde suas origens míticas. Por outro lado, nessas mesmas tramas, o papel do “povo” permanece praticamente invisível aos olhos da crítica. Não tendo sido tradicionalmente apreendido como categoria analítica pela teoria literária, nem pela teoria do drama, a massa humana anônima, disforme, difusa, faz-se, no entanto, essencial ao logro, como instância de agenciamento, consumo e/ou propagação das “falsas notícias”. A presente investigação apresenta um inventário de ocorrências literárias a partir das quais se espreita esse ethos da astúcia, profundamente enraizado na nossa cultura, manejando os poderes e limites do logos, manipulando “simulacros” com fins de obtenção de vantagens pessoais e/ou políticas para as quais concorre a prontidão do “povo” em acolher e propagar informações malsãs, por ignorância ou maledicência. Não surpreende que hoje, no mundo virtual, parte dessa massa humana tenha sido substituída por “robots”, o que não deixa de ser significativo. Sem intentar reduzir a importância da historicidade nas análises dos fenômenos de cada época e sem desprezar as especificidades da vida contemporânea na produção e no consumo das “Fake News”, talvez faça sentido avaliar, a partir da ficção, o peso das heranças culturais na formação de uma sociedade hoje assombrada pela “pós-verdade” e por projetos de poder que se firmam por via da astúcia e do logro.

Palavras-chave: Literatura e Fake News – Tradição e Modernidade – Pós-modernismo e Pós-verdade

**POLÍTICA NO INFERNO DE DANTE: VALAS E SUB-VALAS
DA CONDENAÇÃO**

Paula Vermeersch

Unesp

Dante Alighieri (c.1260–1320) em sua Comédia estipulou as várias comunidades políticas onde os condenados se encontram. O pior dos castigos é, segundo o poeta florentino, conviver por toda a eternidade com pessoas iguais a si- portanto, o lugar dos irados é entre quem urra por qualquer coisa, dos glutões, entre os que roubam o pão da própria mãe se tiverem oportunidade, e assim sucessivamente. Muitos estão no Inferno porque acreditaram e/ou veicularam discursos mentirosos. Estes, para Dante, encontram-se em valas horrorosas, como os hipócritas, condenados a circular entre crucificados e com capuzes de ferro pesadíssimos, que os impedem de olhar para os lados. Os tormentos de se viver entre iguais nos faz pensar que, para Dante, que se notabilizou como diplomata de Florença na corte papal, ou seja, que seguiu carreira política no seu tempo, se filiando ao partido dos guelfos brancos, e que escreveu um dos primeiros tratados sobre os temas do viver em comunidade na modernidade, Da Monarquia, a melhor Política é que respeita diversidades. Entre os diferentes, existe bem-aventurança- em contrapartida, o Paraíso é formado pela aliança dos heterogêneos, e São Francisco faz a defesa da Ordem Dominicana e Domingos, da Franciscana. O respeito entre as diferentes formas de viver, para Dante, constituiria a marca das repúblicas felizes. A atualidade de tais reflexões é, para nós, muito evidente. Numa época da Política brasileira marcada por discursos falsos, as chamadas fake news, em que as reivindicações de minorias e/ou grupos historicamente oprimidos são chamadas nas redes sociais, pejorativamente, de “mimimi”, e o desrespeito pelo contraditório é quase uma norma- tanto que a fala padronizada de certos grupos já é esperada nas discussões, estereotipados nos “memes”, talvez o poeta da primeira modernidade possa nos sugerir algumas chaves para certos enigmas. A partir de certos excertos de discussões, imagens e uma série de fake news em redes sociais como Twitter, Whats App e Facebook, e da leitura de trechos do Inferno de Dante, a fala busca estabelecer paralelos e mapear alguns dos pedaços das valas da Política brasileira. Será

fake news e linguagem

possível falar que as hostes de “minions”, “petralhas”, “isentões”, “comunistas” e outros personagens das redes sociais seriam identificados por Dante no reino de Lúcifer? E seus discursos caluniosos, distorcidos ou simplesmente torpes?

Palavras-chave: Política - Inferno - Dante Alighieri

A ECONOMIA DO CORPO NA LÓGICA DA PÓS-VERDADE: ELEMENTOS DA FILOSOFIA DA VONTADE

Odilon José Roble

Filósofo, Doutor em Educação
Docente da Faculdade de Educação Física da Unicamp
roble@fef.unicamp.br

Concordando com Christian Dunker (2017) que, ao estado presente, a verdade é apenas mais um participante do jogo, sem privilégios e prerrogativas, acrescida de um prefixo que tende a aposentá-la (a “pós-verdade”), poderíamos nos perguntar quais são os demais protagonistas desse jogo. Se as fake news e outros simulacros se apresentam sobremaneira na política e na economia, talvez possamos também localizar algo semelhante em estágios mais privados, os quais funcionariam como substrato estrutural para as demandas dessa circulação pública dos afetos, desse “jogo”. Em outras palavras, os discursos sobre o corpo e sua estética, desde antes da popularização do conceito de fake news, vem atendendo a lógicas fantasiosas e interessadas que pautam a dietética e o movimento. O “antes” e o “depois” dos regimes alimentares, as promessas de outras silhuetas pela atividade física e a conquista de novas identidades pelas intervenções cirúrgicas e cosméticas aliciam desejos que, paradoxalmente, partem do efeito esperado para a crença nas causas. Mesmo que estas sejam, por vezes, francamente ingênuas e repetitivas. No auge dessa parafrenia de investimentos x frustrações x novos investimentos, um outro modo de relação com o corpo se anuncia, como que na extremidade mais avançada da pós-verdade, uma espécie de relação hedônica e elusiva com a libido, espreada nos setores mais diversos de uma economia do corpo, ou seja, aquilo que a filósofa Rebekkah Williams e o filósofo C. Thi Nguyen (2019) apontaram como o renovado

conceito de “porn”. Antes o conceito dirigia-se exclusivamente ao conteúdo erótico, consumido sem implicação física, por meio basicamente de imagens. Hoje estes dois filósofos reconhecem que essa prática se estende a setores muito diversos do prazer, como por exemplo, nos programas de culinária que saciam desejos sem que se prove o alimento ou nos reality shows que inserem o espectador no interior de uma convivência que de fato não lhe pertence. Se a pós-verdade e o seu produto contemporâneo, as fake news, parecem experimentar um terreno fértil para sua disseminação, talvez seja também, entre outros tantos fatores, porque esse sentido “porn” avançou na economia do corpo de modo a eleger, perigosamente, a fantasia como opção. Para discutir estas questões irei amparar-me na “Filosofia da Vontade”, que tem o mito grego, as filosofias de Schopenhauer e Nietzsche e elementos teóricos da psicanálise freudiana como aportes para a compreensão da vontade como elemento central do humano e matriz profícua de interpretação do corpo.

Palavras-Chave: Corpo, Estética, Filosofia da Vontade, Psicanálise